

Orgulho e preconceito: a condição feminina na materialidade filmica

Flaviane Fagundes dos Santos*
Fernanda Surubi Fernandes**

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo compreender como a condição feminina é significada através dos sentidos no filme *Orgulho e preconceito* (2005), por meio do funcionamento histórico, linguístico e simbólico, compreendendo como os sentidos são produzidos a partir da materialidade filmica (MILANEZ, BITTENCOURT, 2011) e em sua imbricação material (LAGAZZI, 2009). O desenvolvimento do trabalho ocorreu com base na Análise de Discurso (ORLANDI, 2007), analisando como a mulher é significada a partir de sua representação cinematográfica, contribuindo assim, com os estudos sobre língua, sobre a história das mulheres, e sobre o cinema.

Palavras-chave: Condição feminina. Discurso. Materialidade.

Pride and prejudice: the female condition in film materiality

Abstract: The present work aims to analyze the constitution of the subjects and the senses in the film *Pride and prejudice*, through the historical, linguistic and symbolic functioning, understanding how the senses are produced from the film materiality (MILANEZ, BITTENCOURT, 2011) and in its material overlap (LAGAZZI, 2009). The development of the work took place based on Discourse Analysis (ORLANDI, 2007), seeking to understand how the female condition is signified from its cinematographic representation, thus contributing, with studies on language, on the history of women, and on the movie theater.

Keywords: Female condition. Discourse. Materiality.

Introdução

Este artigo tem como objetivo depreender como a condição feminina é significada por meio dos sentidos no filme *Orgulho e preconceito* (2005), além de retratar a identidade feminina do século XIX.

As relações entre cinema e literatura nos permite analisar e identificar os valores culturais históricos que existem tanto na adaptação de uma obra literária quanto em artes visuais. Bella Jozef (2010, p.240-241) apresenta que o “... cinema – em suas diferentes tendências e gêneros –, tanto quanto o romance ou conto, é um discurso ou

* Acadêmica do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás – Unidade de Iporá. Contato: flaviane.fagundes66@gmail.com

** Docente da Universidade Estadual de Goiás. Doutora e mestra em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. fernandasurubi@gmail.com

uma construção narrativa.” Assim, permite-nos sentir e vivenciar os acontecimentos na história, através do discurso, das condições de produção contidas nas narrativas e do contexto social, contribuindo para que venham à tona as expressões contidas numa possível realidade.

De acordo com Foucault: “... o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1999, p. 10), ou seja, nos faz refletir a posição do sujeito na sociedade, principalmente, a condição da mulher, no qual, o sistema está preestabelecido contextualmente o que determina sua posição enquanto sujeito, o que faz com que papéis atribuídos à mulher como submissão e repressão ainda vigorem, e ainda continuem validados como supostas “verdades”.

Portanto este estudo pretendeu contribuir para as reflexões sobre língua, cinema e compreender como a condição feminina é significada no filme *Orgulho e Preconceito* (2005) para assim compreender seu funcionamento histórico, linguístico e simbólico.

Análise de discurso: discurso fílmico

O discurso é constituído por meio de palavras e signos linguísticos que juntos constroem uma ordem de posicionamento e poder. E assim, validado conforme as suas condições de produção. De acordo com Foucault (1999), a ideologia e a imposição são contrastes de uma hierarquia constituída por meio de três sistemas de exclusão do discurso, sendo elas: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade que impõe ao sujeito modos de agir em determinados grupos sociais.

Segundo Eni Orlandi em *Análise de discurso: princípios e procedimentos*:

A análise do discurso não provoca o sentido “verdadeiro”, mas o real sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo. (ORLANDI, 2007, p. 59)

Assim, a análise do discurso remete a língua e suas estruturas em determinado contexto histórico, sendo assim, sempre antecipando o dizível, o que já está inscrito na rede histórica. Dessa maneira, procura evidenciar os efeitos de sentidos que dão origem a novos dizeres, sempre interpelados pela ideologia e as relações de poder, fazendo com

que haja, portanto, um deslocamento de sentidos, ou seja, construindo novas interpretações.

Portanto, a noção de discurso em Foucault, relata o discurso como moldes de controles que são perpassados na sociedade, por meio do poder e da repreensão, que historicamente mostra a imposição do sistema pré-estabelecido ao sujeito.

... suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 8-10).

Em Orlandi, o discurso é constituído através da palavra em movimento que está relacionada ao percurso e o curso e suas práticas na linguagem, que demonstra os sentidos possíveis a partir da constituição do homem na sociedade, significando a sua transformação histórica e ideológica. “Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.” (ORLANDI, 2007, p. 15).

Nessa direção, Orlandi define a noção de formação imaginária. Para a autora, a formação imaginária resulta, em um mecanismo de distinção da materialidade e da institucionalidade, a qual produz as imagens dos sujeitos e sua posição discursiva. Identificando assim, o efeito imaginário diante do objeto do discurso que é constituído pelo locutor e interlocutor. “As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário.” (ORLANDI, 2007, p. 40).

Conforme Orlandi, a formação discursiva é análise do discurso, em que as palavras produzidas mudam o sentido de acordo com a posição a qual estão inseridas. Estes efeitos de sentidos definem uma formação ideológica adquirida por meio da discursividade, na qual o sujeito se materializa para compreender o discurso e sua regularidade.

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. (ORLANDI, 2007, p. 43).

A relação de sentido do sujeito é determinada pela interpretação afetada pela língua com a história, de acordo com Orlandi, pois é a condição ideológica que constitui

o sujeito através do tempo, sendo assim a língua está ligada com o exterior, formando o discurso e a ideologia inconsciente. A autora faz uma descrição das perspectivas da interpretação, do sentido e da língua, demonstrando que o sujeito por meio da sua formação histórica e ideológica constitui o discurso.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação com a exterioridade: não há discurso sem o sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever. (ORLANDI, 2007, p. 47).

Milanez (2011), ao falar sobre discurso fílmico, expõe que:

A experiência dessas relações é vivida pelo sujeito, que toma o discurso como a constituição de um lugar no qual poderá enfrentar a si mesmo, tornando o discurso um campo de batalha para a formatação de um afrontamento de si para si, na busca da verdade que o compõe em relação ao sujeito, que ocupa um lugar específico em um tempo determinado. (MILANEZ, 2011, p. 26).

Podemos dizer fazendo relação com a condição feminina, que as posições que a mulher assume na sociedade é um afrontamento quando ela vai além do discurso imposto a ela, por se descobrir em uma condição na qual será capaz de enfrentar as verdades para lutar por aquilo que quer ser.

No filme *Orgulho e Preconceito* (2005) é retratada a condição da mulher como sexo inferior e submissa na condição social daquele momento histórico, século XIX, pois na família Bennet a mãe de cinco filhas procura pretendentes para casá-las, conforme Ferreira “... é o desejo de aparência, a ilusão de controle que busca em um mundo logicamente estabilizado (FERREIRA, 2013, p. 78).

Orgulho e preconceito: condição da mulher no discurso fílmico

Jane Austen escritora inglesa do século XIX renomada pelas obras *Razão e Sensibilidade*, *Emma*, *Orgulho e Preconceito*, *Northanger Abbey* e *Mansfield Park*, suas obras se tornaram essenciais para a constituição da imagem feminina, evidenciado desta maneira, um olhar sobre o papel da mulher na sociedade. Além disso, suas obras dialogam com o universo feminino, expondo por meio de suas

personagens o contexto social, familiar e financeiro, circunstâncias vivenciadas por suas personagens protagonistas bem humoradas e sarcásticas, que afrontam as imposições e regras da sociedade da época, bem como afirma Barros (2013) em *Representações das personagens femininas de Orgulho e Preconceito, de Jane Austen*: “Austen é capaz de construir um mundo, onde ela expõe os costumes do meio, os problemas sociais como a condição feminina entre outros pontos bastantes importante, e isto é feito com pouquíssimas personagens e um lugar bem simples, normalmente um ambiente bucólico.” (BARROS, 2013, p. 32).

As personagens de Jane Austen são intituladas heroínas por contraporem os ideais e princípios do século XIX, como exemplo temos Elizabeth em *Orgulho e Preconceito*, com personalidade forte e bastante irônica, busca uma nova perspectiva sobre o casamento, sua classe social e ao sexo oposto “controlando” sua própria vida, o que era difícil, por ser mulher. Contudo, as obras de Austen evidenciam a sociedade de sua época constituindo assim, uma análise referente ao casamento vantajoso e as regras que designam o modo como a mulher deve ou não assumir diante a sociedade. Como afirma Zardini em *O universo feminino de Jane Austen*:

Sob o ponto de vista financeiro, o casamento era visto como uma tábua de salvação para as mulheres que não possuíam renda familiar e que não queriam viver na pobreza. Eram raros os casos de casamento por amor, apesar de todas as heroínas de Austen terem um final feliz com seus escolhidos, não por causa da renda do marido, mas por estarem apaixonadas (ZARDINI, 2011, s/p).

Em *Orgulho e preconceito*, observamos que a trama do filme se passa no século XIX, relatando a burguesia inglesa em que as relações são movidas por interesses sociais e econômicas de uma sociedade mesclada. Em uma zona rural vivia Elizabeth Bennet (Lizzy), sendo a segunda filha do casal Bennet, suas inquietações a faziam uma mulher que pensava além das convicções sociais impostas e validadas naquele momento.

O filme mostra a história de uma mulher que lutava contra as imposições impostas pelas ideologias sociais de sua época, levando todos ao seu redor a discriminá-la por seu orgulho, isso nos faz refletir na questão da imposição em relação ao sistema social, já estabelecido à classe feminina determinando o seu lugar no contexto social e histórico.

Estes discursos em conjunto abordam concepções de arte que se distingue por diferentes sentidos envolvendo múltiplas linguagens, na qual se estabelece como

produção de cultura. “Os discursos sobre o feminino e o masculino passam pela realidade, passam pelos olhares da sociedade, passam pelo olhar que foi construído pelo diretor através desses dois sujeitos.” (OLIVEIRA, 2008, p. 2), pois a realidade construída através dos sujeitos, passam pela linguagem fílmica de uma forma que a sociedade julga consistente.



Figura 1: Darcy e Elizabeth.

Fonte: Cena retirada do filme “Orgulho e Preconceito” (JOE WRIGHT, 2005).

A Figura 1 mostra Darcy e Elizabeth se olhando, caracterizando um embate entre orgulho e preconceito, por meio do olhar e de expressões faciais. A imagem remete a uma constituição da linguagem no corpo, em que este corpo se significa por esta linguagem, que incide sobre o olhar uma construção de sentidos, um embate entre os personagens, marcado pelo/no olhar.

Segundo Ferreira, “... o corpo surge estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia.” (FERREIRA, 2013, p. 78), ou seja, o corpo feminino se molda ideologicamente aos moldes de comportamentos sociais e históricos, o qual é significado conforme as formas e regras impostas.

De acordo com Perrot (2007), há diversos discursos que colocam a mulher como o sexo inferior em relação ao sexo masculino, demonstrando a inferioridade e a sujeição, caracterizando a mulher como uma ameaça à coletividade e, contextualizando para a contemporaneidade, apresenta assim o discurso ideológico que constitui e valida a história das mulheres. De acordo com a autora, para a AD, os discursos válidos e permitidos, representam o poder. E a mulher na história, foi muitas vezes anulada, não foi permitida a entrar na “ordem discursiva”, já que não era validade para isso,

devido à ausência de arquivos e também em que a língua e a gramática contribuem nesse processo de exclusão do gênero feminino.

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, defeitos, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. (PERROT, 2007, p. 21).

Em relação ao corpo, a autora aborda os conceitos históricos, em que a mulher não tinha muitos privilégios ou qualquer opinião sobre assuntos ligados aos direitos e cidadania, somente deveres a serem resguardados. As informações sobre o corpo na época eram consideradas um tabu, e sua virgindade era preservada pela família e pela igreja no âmbito religioso. A condenação é um fator evidente para punir a violação da desonra, sendo marcada pelo meio social. O casamento se tornava um interesse lucrativo para as famílias bem sucedidas aumentarem ainda mais seus status sociais, as jovens não tinham direitos de escolhas, sendo preparadas para atender esses interesses. Por isso Perrot afirma que: “Não é simples manter-se na condição de jovem solteira, com as restrições do corpo e do coração, quase sem liberdade de escolha quanto ao seu futuro seus projetos amorosos, exposta à sedução...” (PERROT, 2007, p. 46).

Assim, ao encarar Darcy com um olhar de desafio, a personagem foge dos padrões estabelecidos para a mulher durante o século XIX, na Inglaterra. Há uma necessidade de se conseguir um bom casamento para poder garantir sua vivência, pois a personagem compreende isso, entretanto, mesmo diante dessa necessidade, Elizabeth não abaixa a cabeça, nem se faz de submissa diante do orgulho e do olhar de Darcy.

Em relação ao cinema e a mulher, Kaplan (1995) apresenta uma perspectiva na qual, a mulher não consegue explorar o espaço que a define, devido ao discurso masculino e cultural, que à outorga como objeto de desejo, designando-a vulnerável e submissa, enquanto o homem é caracterizado como aquele que tem o domínio. Ou seja, ele não possui restrições na sociedade. Ainda nesse sentido a autora diz que:

... como tal discussão é que nossa cultura está profundamente comprometida com os mitos das diferenças sexuais demarcadas, chamadas “masculina” e “feminina”, que por sua vez giram em torno, em primeiro lugar de um complexo aparato de olhar e depois de modelos de domínio-submissão. (KAPLAN, 1995, p. 52).

Porém, o cinema tem o poder e a autonomia de reconfigurar o espaço em que a mulher é vista significando apenas um objeto de dominação e desejo. E passa estabelecê-la como um ser independente, indo além do que lhe é seja, indo além do que pré-determinado pelo discurso masculino. Conforme afirma Kaplan:

No cinema, as mulheres não funcionam, portanto, como significantes de um significado (a mulher real) como supunham as críticas sociológicas, mas como significante e significado suprimidos para dar lugar a um signo que representa alguma coisa no inconsciente masculino. (KAPLAN, 1995, p. 53).

Nessa direção, a Figura 1 significa esse embate entre as posições sujeitos mulher e homem, posições históricas e sociais, que se marcam pelo modo do olhar que um tem pelo o outro, pela diferença entre as classes sociais e o papel da mulher na sociedade.

Desse modo, observamos na narrativa o preconceito caracterizado como um pré-julgamento de Lizzy (Elizabeth) por Darcy, em relação a sua posição social e o seu comportamento de superioridade com ela e com os outros, no baile. Para Lizzy, ele não passava de um prepotente, arrogante e pretensioso, que se preocupava apenas com sua posição social. Darcy também considerava Elizabeth como orgulhosa e inferior a sua classe, ambos se julgavam antes mesmo de se conhecerem, pois tinham algo maior que seus egos, suas condições de produção, e sobrepunham o orgulho e preconceito enraizado na sociedade em que viviam.

Para Orlandi (2007), as condições de produção abrangem o sujeito e sua situação no discurso, pois os efeitos e sentidos estão constituídos na memória e no contexto sócio histórico do indivíduo na sociedade, formando assim, amplos sentidos e efeitos interdiscursivos caracterizados pela própria memória, assim, consideramos

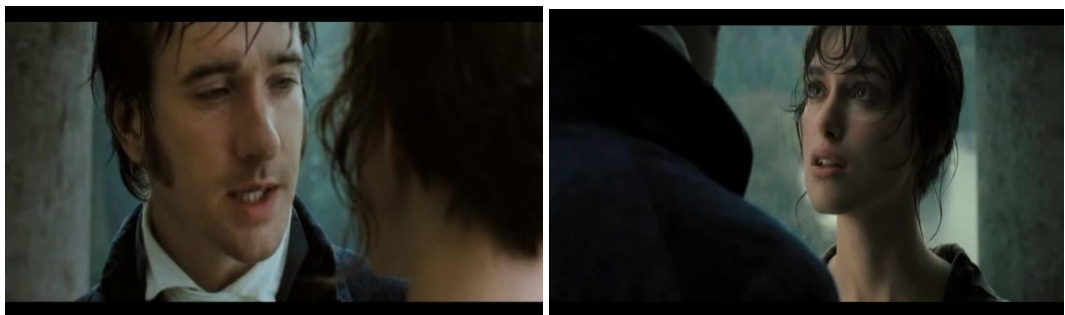
... as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2007, p. 30).

Portanto, as essências do discurso materializam-se vinculando linguagens ideológicas que presumem ideias acondicionadas na memória, e isso se constituem pelo modo como os personagens se significam na narrativa, pela posição da mulher em ter que arrumar um marido, e na resistência em poder escolher quem mais lhe apetece.

A materialidade fílmica produz sentidos pelo modo como os corpos se mostram ou se escondem, pelos destaques, vinculando linguagens ideológicas que presumem ideias acondicionadas na memória. Segundo Baecque: “Os corpos, no cinema, continuam sendo o que circula de um país para o outro, de uma cultura para outra, entre os públicos do mundo inteiro, enquanto as palavras, as referências, muitas vezes, marcam o rigor as fronteiras.” (BAECQUE, 2011, p. 494).

Desse modo, no filme temos uma percepção desta materialidade inserida nos personagens protagonistas Darcy e Elizabeth que retratam expressões de um discurso repleto de sensações mescladas, interiorizadas, estabelecendo assim, interpretações diversas, sentidas e analisadas no corpo, nos movimentos e no olhar. De acordo com Baecque “... o olhar-câmera é assim o efeito de estilo do cinema moderno, não é por acaso com certeza: designando como “um olhar que olha e é olhado”, o espectador se vê instado a se explicar sobre os corpos que considera.” (BAECQUE, 2011, p. 497).

Enfim, exteriorizando principalmente uma linguagem semelhante aos sentidos que ambos os envolvem e os dominam, estes traços resultam marcas ideológicas determinando o sujeito com condições externas e autônomas. Segundo Orlandi “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com os outros: dizeres presente e dizeres que se alojam na memória.” (ORLANDI, 2007, p. 43).



Figuras 2 e 3: Declaração de Darcy a Elizabeth.
Fonte: Cena retirada do filme “Orgulho e Preconceito” (JOE WRIGHT, 2005)

As Figuras 2 e 3 remetem a um jogo de câmeras entre os personagens Darcy e Elizabeth, ocorrendo assim, uma interação romântica em que a chuva significa mudança, liberdade, estabelecendo o fim do conflito entre os personagens. O

posicionamento da câmera, a chuva e o distanciamento dos personagens caracterizam por meio das expressões faciais, o romantismo e a sensação de liberdade.

A fala ofegante representa o sentimento de angústia de não poder falar e expressar seus verdadeiros sentimentos com relação ao que ele sente por Lizzy, sendo assim, eles rompem as regras interpostas pela sociedade e se deixam envolver por instante, por um sentimento forte que ao mesmo tempo é impedido por eles de se entregar um ao outro, ou seja, há um elo de confronto entre eles. Jozef afirma que: "... o tempo do romance não é jamais o do cinema e vice-versa: não existe entre eles contemporaneidade narrativa (de ação) como tampouco existe contemporaneidade de ritmo (de estilo)." (JOZEF, 2010, p. 247).

A subsequência das imagens selecionadas centraliza a materialidade do movimento da câmera sobre os contornos das contradições que imerge as expressões do discurso dos personagens, devido às trocas de posicionamento da câmera em relação aos protagonistas. Dessarte, a cena relata a discussão que envolvem a posição social, o orgulho, arrogância e o egoísmo de ambos, no qual Darcy declare-se a Elizabeth para aliviar sua angústia em relação ao seus sentimentos que vai contra as expectativas de sua família, sobrepondo o bom senso que o rege a favor de aceitar sua inferioridade social em nome do fim de sua agonia, porém, é desprezado pelo orgulho e empoderamento de Elisabeth, devido à obscuridade dos fatos desconhecidos e apresentados pelo seu amigo senhor Wickham, marcado pelas divergências familiares possuindo assim conflitos reprimidos por caprichos e censuras de cada um.

Portanto, a imagem representa características em que o corpo constrói um alvo, estabelece as objetividades e as contradições do discurso correlacionado com corpo, fazendo deste modo, com que a linguagem funcione intermediariamente para constituir a singularidade real do corpo, em consequência de marcas e exposição da materialidade demarcada pela contradição ocultada pelo casal.

Considerações finais

O filme *Orgulho e Preconceito* (2005) permite apresentar a relação entre cinema e literatura, compreendendo os sujeitos e sentidos no filme, além de demonstrar a condição da materialização feminina atribuída no contexto histórico. De acordo com Jozef (2010), a interpretação do que é real e relacionamento entre o homem em relação ao mundo, é nitidamente representada pelo cinema, por ter uma

linguagem própria, com suas técnicas como: a montagem e os movimentos de câmeras, que traduz com expressividade e singularidade a língua. “O cinema responde à necessidade de um novo relacionamento homem/ mundo e gera nova forma de representação do real. (JOZEF, 2010, p. 237).

No filme *Orgulho e Preconceito*, observamos a condição da mulher como sexo inferior e submissa na condição social, pois a mulher é condicionada ao homem, ou seja, a mulher está interpelada a todo momento por um discurso patriarcal, se comprometendo com as condições de produção e ideológicas, que dizem que a mulher não deve herdar a propriedade por serem do sexo feminino.

Podemos dizer, fazendo relação com a condição feminina, que as posições que a mulher assume na sociedade é um afrontamento quando ela vai além do discurso imposto a ela, por se descobrir em uma condição, na qual, será capaz de enfrentar as verdades impostas e validadas por um grupo, por uma sociedade e ou por um momento histórico social, para lutar por aquilo que quer ser.

REFERÊNCIAS

ORGULHO E PRECONCEITO. Joe Wright et.al. Intérpretes: Keira Knightley, Matthew Macfadyen, Brenda Blethyn, Donald Sutherland, Rosamund Pike, Jena Malone, Tom Hollander, Penelope Wilton, Judi Dench. Londres/Nova Yorque: Working Title Films/Universal Studios, 2005.

BAECQUE, Antoine de. O corpo no cinema. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.) **História do corpo: as mutações do olhar. O século XX.** Trad. e rev. Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 481-507.

BARROS, Samira Alves. **Representações das personagens femininas de *Orgulho e preconceito, de Jane Austen.*** (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências Humanas e Letras. Universidade Estadual do Piauí. Teresina, 2013. 180f.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. Artigo. **Redisco.** Vitoria da Conquista, V.2, n.1.p.77-82, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Trad.Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 5. ed. 1999.

JOZEF, Bella. Cinema e Literatura: algumas reflexões. **Revista Contexto.** N. 17-2010/1 p.237-253.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema:** os dois lados da câmera. Tradução de Helen Marcia Potter Pessoa. – Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MILANEZ, Nilton. **Discurso e imagem em movimento: o corpo horrífico do vampiro no trailer-** São Carlos: Claraluz, 2011, p. 11- 91

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Trad. Angela M.S. Correia. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Daniela Garces de; CARELI, Sandra da Silva. Cinema e literatura: dois produtos culturais que constroem um discurso. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, violência e poder.** Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008, p. 1- 8.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 7. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

ZARDINI, Adriana Sales. O universo feminino nas obras de Jane Austen. **Em Tese.** v. 16. n. 2, 2011.